

TEXTOS CRÍTICOS  
/CRITICAL ESSAYS/

# PATRICIA REBELLO

# PATRÍCIA REBELLO: HERBÁRIO DO AMANHÃ

por Ana Carolina Ralston

*Todo o progresso baseia-se num desejo inato  
e universal, da parte de todo o organismo,  
de viver além dos seus próprios meios.*

*Samuel Butler*

Espécimes híbridas, mutantes, que, na expectativa da vida, capturam materiais diversos que flutuam pelo ambiente, incorporando-os. O que poderia ser o fim lhes traz benefícios, gerando a tais organismos longevidade num futuro pós-humano. Como Georg Dionysius Ehret, Carl Linnaeus ou Margaret Mee fizeram um dia pela história da documentação botânica, trazendo benesses ao conhecimento vegetal das atuais gerações, a paulistana Patricia Rebello realiza no presente-futuro, em uma tentativa de prever os seres que estão por vir. Criaturas celulares, imbuídas de cores e fragmentos diversos que compõem o mundo contemporâneo, são ora fotografadas em vida compondo seu atual habitat, ora retiradas dele e postas à prova para um estudo minucioso premonitório. Navegando por esse universo de seres imaginários, nasce a exposição *Herbário do amanhã*, primeira individual de Patricia Rebello na Galeria Eduardo Fernandes.

As obras da artista nascem a partir de monotipias não-tradicionais, que alimentam o surgimento dos primeiros corpos celulares como se fossem vistos através das lentes de um microscópio. Em vez de pentes que unificam tal processo, Patricia respinga a tinta acrílica, criando um gotejo aleatório que percorre o papel. No processo, ela refaz esse percurso sequencialmente, sem nunca desaguar em um mesmo resultado. Cada camada marmorizada cria uma paisagem distinta, que interfere na próxima e na seguinte, desabrochando, em uma única peça, um universo de possibilidades. A partir deste oceano cromático, brotam tentáculos tridimensionais, que ganham corpo em colagens suspensas da bidimensionalidade das obras.

Tais seres futuristas compõem também a catalogação central exposta em um pergaminho no meio da galeria. Ali, o site specific, desenvolvido especialmente para esta mostra, tem, em seu início, uma espécie de capa, na qual vemos o plasma formado por uma monotipia. Dentro dele, no entanto, tais seres flutuam em meio ao branco, impressos em filme poliéster, o que lhes traz a volumetria necessária para criarem corpo. Entre um organismo e outro, anotações da artista brotam de forma delicada e precisa, na ânsia de inventariar cada trecho que compõe a criatura.

Sua produção já estabelecida nos coloca frente a frente em um interessante jogo que vela e revela. Entre suas inúmeras camadas, conseguimos reconhecer vez ou outra artigos alheios, tão utilizados em nosso mundo e que chegamos a usar incansavelmente, mas que também acabamos por descartar, transformando-os em resíduos para a eternidade. E é com imensa surpresa – talvez até com certo conforto –, que descobrimos sua incorporação por essas novas espécimes que habitam a obra de Patricia. Seu corpo de trabalho nos dá a certeza de que o despejo criado pelo ser humano provocará apenas sua própria extinção. O mundo ressurgirá, como já fez e fará novamente. E a quem interesse, aqui estão os registros e estudos de um possível futuro reabitado.

**Ana Carolina Ralston**  
Curadora